

A PEDAGOGIA GRIÔ E A EDUCAÇÃO FÍSICA: BORDANDO PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM UMA MULHER, MÃE E PROFESSORA¹

Gabriela Nobre Bins,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Vicente Molina Neto,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões acerca do processo de formação de uma mulher, mãe e professora, oriundos da pesquisa de doutorado: “Tecendo saberes, tramando a vida - a Educação Física e a Pedagogia Griô: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA”. A partir de uma autoetnografia e de grupos de discussão refletimos sobre os impactos da formação em Pedagogia Griô e da autoetnografia como um processo formativo na prática docente e na vida dessa professora.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física 1; Pedagogia Griô 2; Formação 3.

Este trabalho é fruto da pesquisa de doutorado “Tecendo saberes, tramando a vida - a Educação Física e a Pedagogia Griô: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA” (BINS, 2020). O objetivo da tese foi compreender quais os sentimentos, as sensações e os reflexos que a Pedagogia Griô suscita em uma professora de Educação Física. Que transformações essa proposição pedagógica provocou nessa professora e como isso afetou sua prática pedagógica e seus alunos e alunas? Refletir sobre essas transformações tem efeitos no seu processo de formação e sobre o ser e estar no mundo dessa mulher, mãe, professora e pesquisadora. Nesta comunicação científica, iremos focar no processo de formação que a pesquisa proporcionou para essa professora, estudante e pesquisadora.

Metodologicamente, foi realizada uma autoetnografia e também grupos de discussão com as alunas e alunos dos anos finais do ensino fundamental. Segundo Motta e Barros (2015, p. 1339): “a autoetnografia em linhas gerais tem como objetivo requalificar a relação entre objeto e observador, ressaltando a importância desta interação e da experiência pessoal

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

do pesquisador como forma de construção de conhecimento”. Procedimentos significativos para pesquisar a própria prática pedagógica refletindo e a analisando-a. Além disso, o método autoetnográfico propõe uma pesquisa social com uma prática menos alienadora, em que o pesquisador não suprime sua subjetividade, mas pode dar voz e integrar os aspectos emocionais, espirituais, intelectuais, corporais e morais nas suas reflexões. “A autoetnografia parte do pressuposto que o conhecimento não tem como ser neutro nas instituições educacionais e nem fora delas”. (MOTTA e BARROS 2015, p. 1340). As considerações aqui apresentadas são frutos de reflexões baseadas em vivências pedagógicas de anos de trabalho docente. Especificamente, analisamos o processo de formação da pesquisadora vivido durante a formação em pedagogia griô em um grupo de formação de São Paulo, que iniciou em fevereiro de 2017 até a finalização com outro grupo de formação em Porto Alegre, entre outubro de 2019, e o final do ano letivo de 2018 quando colocamos em prática o projeto “corpo e ancestralidade”, com turmas de oitavo e nono ano do ensino fundamental RMEPOA. Para poder refletir sobre o que pensam as alunas e alunos sobre a proposta da pedagogia griô e também saber até que ponto a proposta chega aos mesmos, buscamos o caminho dos grupos de discussão (que se aproximam metodologicamente das rodas de conversa da Pedagogia Griô). Foram realizados dois grupos de discussão com alunas e alunos, um antes de iniciar o projeto “corpo e ancestralidade” e outro ao final do projeto.

A partir das teorias da decolonialidade, da filosofia Ubuntu (RAMOSE, 2011), do Bem Viver (ACOSTA, 2016) e da pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019) a pesquisa foi construindo um olhar sobre a Pedagogia Griô suas relações com a Educação Física e como o processo de formação permanente foi nos fazendo caminhar através do diálogo com essas teorias.

A Pedagogia Griô trata da reinvenção de métodos de educação, participação e encantamento do social que busca a valorização da palavra, dos afetos, das memórias e dos rituais da tradição oral. Busca uma maior proximidade com a comunidade e com os valores ancestrais africanos e indígenas. Tem inspiração nos círculos de cultura de Paulo Freire. É uma pedagogia facilitadora de rituais de vínculo de aprendizagem através do encantamento, da vivência, do diálogo e da produção partilhada do conhecimento. Segundo Pacheco (2006), a Pedagogia Griô é uma pedagogia da vivência afetiva e cultural que procura facilitar o diálogo entre idades, grupo étnicos e escola-comunidade

Essa pedagogia é construída inspirada na educação biocêntrica de Ruth Cavalcante e Rolando Toro (CAVALCANTE e GOIS, 2015); na educação dialógica de Paulo Freire (1987); na educação para as relações étnico-raciais positivas de Vanda Machado (2017), tudo sob a luz da tradição oral e dos saberes ancestrais. Sua intenção é a integração da escola com a comunidade, da universidade, dos saberes científicos e formais com os saberes populares, as histórias de vida e os mitos da tradição oral das comunidades.

A formação consiste em 13 encontros, nos quais vamos aprofundando na práxis os conceitos dessa pedagogia, seu modelo de ação pedagógica, currículo, práticas e estreitando nossos laços com as Mestras e Mestres Griôs. Também progressivamente vamos nos familiarizando com a linguagem e os códigos da tradição oral.

A aproximação com a tradição oral e seus mestres é muito importante para a Pedagogia Griô, pois temos a oportunidade de contribuir para um novo projeto civilizatório. São espaços que tem símbolos, mitos e arquétipos que têm potencial para lutar contra o projeto civilizatório capitalista/judaico-cristão. Acreditamos que também é uma aproximação muito rica para a área da Educação Física, pois nos possibilita pensar o corpo e a cultura corporal a partir de diferentes cosmovisões, ampliando as possibilidades de construção das nossas práticas pedagógicas. Esses encontros nos fizeram repensar a vida e nossas contradições. Fomos percebendo que fazer a formação seria também repensar nossas vidas, não só nossas práticas pedagógicas, mas como administrar o tempo, as atividades e a vida e estreitar esse contato com a tradição oral.

Na pesquisa, após descrevermos e analisarmos o processo de formação em Pedagogia Griô apresentamos o projeto “Corpo e Ancestralidade” realizado nas aulas de Educação Física com turmas dos anos finais do ensino fundamental de uma escola municipal de Porto Alegre; as percepções e entendimentos das alunas e alunos acerca da Educação Física antes e após o projeto e as categorias de tempo, maternidade, lugar de fala e branquitude. Neste texto, como já mencionamos anteriormente, vamos focar no aspecto formativo da pesquisa autoetnográfica e do percurso da formação em Pedagogia Griô.

A pesquisa autoetnográfica é uma metodologia onde o pesquisador/a está completamente articulado com o objeto de estudo, ele é o próprio fenômeno estudado. Para Spry (2001), a escrita autoetnográfica possibilita mudanças de consciência e o ganho de novos conhecimentos pedagógicos e habilidades ao pesquisador/a. Segundo Motta e Barros (2015,

p. 1339) “a autoetnografia em linhas gerais tem como objetivo requalificar a relação entre objeto e observador, ressaltando a importância dessa interação e da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção de conhecimento”. Isso pode ser muito significativo em uma tentativa de pesquisar nossa própria prática pedagógica, refletindo e analisando a mesma. Essa reflexão e constante olhar para nossa prática pedagógica se constitui em um grande aprendizado formativo, pois a cada etapa vamos avaliando e ressignificando nossas práticas e nosso estar no mundo. A “autoetnografia não é só um modo de ver o mundo, é um modo de estar no mundo. Um modo que requer viver conscientemente, emocionalmente e reflexivamente” (ELLIS, 2013).

Assim como a autoetnografia, a formação em Pedagogia Griô foi um processo muito importante para repensarmos nossos modos de ser e estar no mundo, nossos fazeres pedagógicos e nossas relações com as pessoas. Ao mergulharmos no mundo da tradição oral, no contato com nossas ancestralidades e ancestralidades do povo brasileiro, fomos entrando em contato com o que Kusch (1999) denomina de “América Profunda”, com outras epistemologias e com percepções que nos fizeram desaprender para podermos aprender. Essa formação nos tocou não só no âmbito profissional, ela nos marcou como pessoas. Realizar a formação fez com que ficássemos mais sensíveis para olhar as coisas no mundo, para as relações que estabelecemos com os outros. A Pedagogia Griô é uma pedagogia que precisa ser sentida no corpo, ser significada nessa corporalidade para ser realmente compreendida. Através das vivências do processo de formação, fomos incorporando sua metodologia e compreendendo que com ela poderíamos repensar nossa prática pedagógica na Educação Física. Poderíamos nos aproximar da filosofia Ubuntu e do Bem Viver e criar nossas próprias encruzilhadas a fim de decolonizar nossas práticas e construirmos outras formas de ser e estar no mundo.

Assumimos, a partir da formação, outro modo de estar no mundo e fomos aprendendo com ele a nos ver enquanto professora/es, mulher/homem, mãe/pai e pesquisador/a que caminha para a construção de mundo mais solidário e amoroso. um mundo que respeite a pluralidade étnico racial e social do Brasil e seja mais equânime e democrático.

Nos entendermos enquanto uma professora/um professor que busca nas nossas práticas e nas nossas relações romper com as estruturas da colonialidade presente na nossa sociedade foi um grande aprendizado dessa empreitada autoetnográfica e do processo de

formação em Pedagogia Griô. Entender que as concepções acerca da maternidade, do tempo, do lugar de fala e da branquitude estão intimamente ligadas ao processo de docência e de ser e estar no mundo nos ajudou a significar os ladrilhos da nossa caminhada.

Nos alinhavos da autoetnografia e da Pedagogia Griô fomos tecendo os fios que entrelaçaram a Gabriela mulher, mãe, professora e pesquisadora, bordando e reconstruindo uma nova pessoa.

GRIÔ PEDAGOGY AND PHYSICAL EDUCATION: EMBROIDERING PROFESSIONAL QUALIFICATION IN A WOMAN, MOTHER ANDE TEACHER

ABSTRACT

Based on the research “Weaving knowledge, plotting life - Physical Education and Pedagogy Griô: an autoethnographic experience of a physical education teacher at RME POA”, this work presents reflections about the formation process of a woman, mother and teacher. Based on an autoethnography and discussion groups, the impacts of such activities are discussed as they become a formative process in the teaching practice and the life of the author.

KEYWORDS: Physical Education 1; Griô Pedagogy 2; professional qualification 3.

LA PEDAGOGIA GRIÔ Y LA EDUCACIÓN FÍSICA: ORILLANDO LOS PROCESOS DE FORMACIÓN EN UNA MUJER, MADRE Y PROFESSORA

RESUMEN

Este trabajo presenta reflexiones sobre el proceso de formación de una mujer, madre y profesora, originados a partir de la Investigación “Tejiendo Saberes, Entramando la Vida - La Educación Física y la Pedagogia Griô: una experiencia autoetnografica de una profesora de Educación Física de la RME de POA. A partir de una autoetnografía y de grupos de discusión, reflexionamos sobre los impactos de la formación en Pedagogia Griô y autoetnografía en la practica docente y en la vida de esta profesora.

PALABRAS CLAVES: Educación Física 1; Pedagogía Griô 2; Formación 3.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem viver** – uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução: Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia, Elefante, 2016.

BINS, G. N. 2020. **Tecendo saberes, tramando a vida - a Educação Física e a Pedagogia Griô**: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

CAVALCANTE, Ruth; GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Educação Biocêntrica**: ciência, arte, mística, amor e transformação. Fortaleza: Edições CDH, 2015. 312 p.

ELLIS, C.. Preface – Carryning the torch for autoethnography. In: JONES, Stacy. Holmes.; ADAMS, Tony. E.; ELLIS, Carolyn.. **Handbook of Autoethnography**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KUSCH, R. (1999). **América Profunda**. Buenos Aires: Biblos.

MACHADO, Vanda. **Prosa de Nagô** – educando pela cultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

MOTTA, P. M. R. da; BARROS, Nelson F. Resenha: Handbook of autoethnography. Jones Stacy Holmes, Adams Tony E, Ellis Carolyn., editors. Walnut Creek: Left coast press (coleção queer). **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, ano 6, p. 1337-1340, jun./2015.

PACHECO, L. **Pedagogia Griô**: A reinvenção da roda da vida. Lençóis, Bahia, 2006.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e estudo da filosofia africana. In: **Ensaio Filosóficos**, v. IV, out./2011, p. 9-25. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SPRY, T. **Performing Autoethnography**: an embodied methodological praxis. *Qualitative Inquiry*. n.7, 706-732, 2001.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

